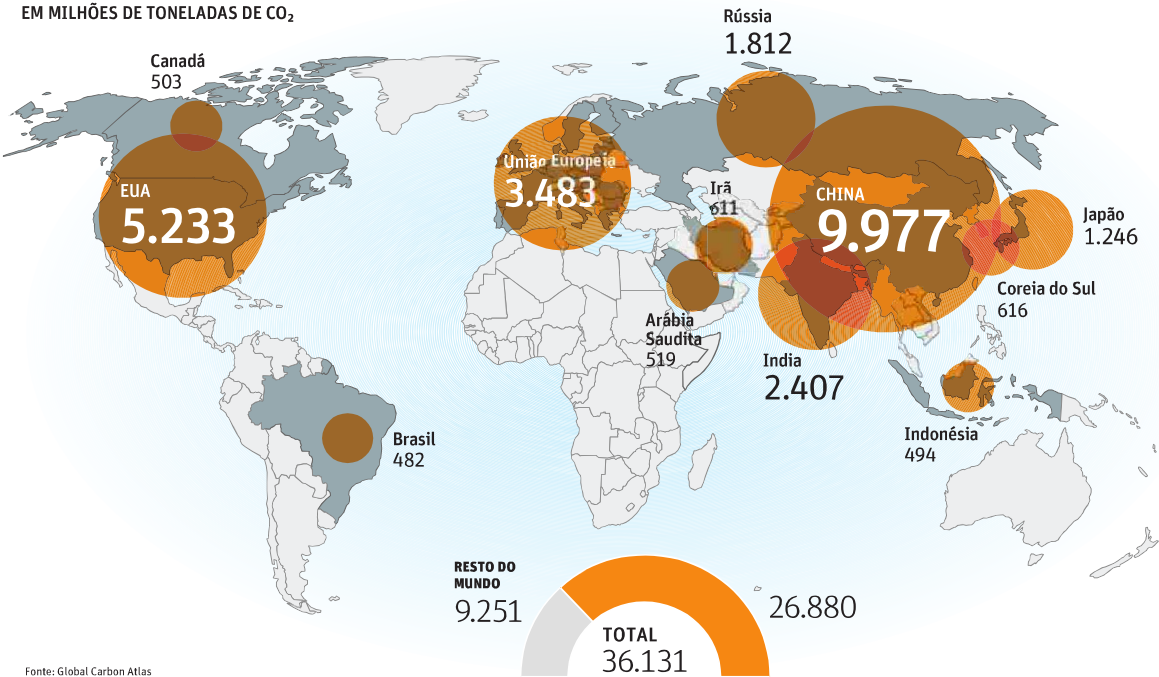


ciência+saúde

OS GRANDES POLUIDORES
Emissões globais de gases-estufa em 2013



FUNDO VERDE
Contribuições para o fundo de combate à mudança climática

Em US\$

EUA	3 bi
Japão	1,5 bi
Reino Unido	1,13 bi
Alemanha	1 bi
França	1 bi
Suécia	500 mi
Itália	310 mi
Canadá	260 mi
Espanha	150 mi
Suíça	100 mi
Coreia do Sul	100 mi
Holanda	100 mi
Finlândia	100 mi
Dinamarca	70 mi
México	10 mi
Luxemburgo	6 mi
Rep. Tcheca	6 mi
Nova Zelândia	3 mi
Noruega	1,3 mi
Panamá	1 mi
Mônaco	300 mil
Indonésia	250 mil
Mongólia	50 mil

TOTAL 9,7 bilhões

Fonte: Green Climate Fund

Reunião do clima começa otimista e aflita

China e EUA injetam ânimo na negociação de acordo contra aquecimento, mas promessas ainda são insuficientes

Corte de emissão de CO₂ propostos para depois de 2020 ainda não impediriam aumento de 2°C, tido como perigoso

RAFAEL GARCIA
DE SÃO PAULO

A 20ª conferência do clima da ONU, COP 20, começa hoje em Lima, no Peru, num ambiente que mescla otimismo e aflição. Apesar de um recente acordo entre China e EUA ter dado ao planeta a perspectiva de avançar na redução de emissões de gases do efeito estufa, promessas ainda estão aquém daquilo que a ciência diz ser necessário para evitar um aquecimento “perigoso” do planeta.

O principal objetivo do encontro na capital peruana é progredir nas negociações até um ponto que torne possível fechar um acordo na COP 21, marcada para dezembro de 2015, em Paris, quando chefes de estado se reunirão para discutir o problema.

A função do documento é estabelecer objetivos de mitigação do aquecimento global para o período pós-2020, quando se encerra a vigência do acordo de Copenhague.

Assinado em 2009, este outro texto fracassou na tentativa de impor metas de redução de emissões aos países. O formato do próximo acordo —com metas obrigatórias ou voluntárias, por exemplo— ainda não foi definido. O esboço que circula entre diplomatas deixa este e muitos outros pontos em aberto.

Após o fracasso de Copenhague, os 196 países da Convenção do Clima da ONU decidiram adotar outro processo, no qual cada nação deve dizer qual redução de emissões pretende oferecer para que a soma global atinja o corte necessário no CO₂, EUA, China e União Europeia, já acenaram com promessas.

A mera existência de propostas abertas é um progresso, mas os números ainda não são ambiciosos o suficiente para conter o aumen-



Espectador da 20ª conferência do clima da ONU entra em estacionamento de bicicletas do evento em Lima, no Peru

to de temperatura de 2°C em relação à era pré-industrial, estabelecido como perigoso por cientistas do painel do clima da ONU. O que a ciência recomenda é um corte de 40% a 70% até 2050, com emissões zeradas em 2100.

Até abril de 2015, todos devem acenar com propostas de redução de emissões para o período pós-2020. O acordo sino-americano pode atuar

CARTAS NA MESA
Propostas de redução de emissões pós-2020

ESTADOS UNIDOS
Assumem o compromisso de reduzir as emissões em 2025 entre 26% e 28% em relação a 2005

CHINA
Compromete-se a atingir o ápice de suas emissões até 2030, quando então elas deverão começar a cair

UNIÃO EUROPEIA
Promete cortar 40% de suas emissões até 2030, em relação a 1990

agora como um fator de pressão para que outros grandes emissores coloquem suas cartas na mesa antes disso.

O Brasil, 12º maior emissor, não deu sinal de que abrirá o jogo em Lima, apesar de ter apresentado meta voluntária no acordo de 2009 (cortar até 39% das emissões projetadas para 2020).

Como a etapa decisiva para fechar o próximo acordo é daqui a um ano, fica difícil saber qual estágio de evolução das negociações deve ser visto como sucesso no Peru.

“É importante que Lima estabeleça diretrizes sobre o que países devem incluir em seus planos de ação climática depois de 2020”, diz Andrew Steer, do World Resources Institute, ONG de pesquisa que dá suporte a negociadores. “Não dá para esconder as cartas até um dia antes de as negociações terminarem, como num jogo de pôquer.”

Ainda está em aberto no esboço do novo acordo, por exemplo, qual ano-base deve ser usado para calcular cortes de emissões, e qual será o ano-alvo para estabelecer metas futuras. A indefinição dificulta a negociação.

Brasil pressiona por metas leves para países em desenvolvimento

DE SÃO PAULO

A diplomacia brasileira é uma das que batem na tecla de que diferentes países têm “responsabilidades comuns, porém diferenciadas”. Isso significa dizer que o mundo em desenvolvimento deve ter metas de corte de emissões menos duras, pois o aquecimento que a Terra vive agora é resultado do acúmulo de emissões até hoje, não só do CO₂ produzido agora.

Por essa conta, a China teria parcela de culpa pela mudança climática menor que a dos EUA, mesmo sendo hoje o maior emissor. Foi esse critério que culminou na isenção de cortes de emissão para países em desenvolvimento no Protocolo de Kioto, de 1997.

MEDIDA GRADUAL
O Brasil defende agora que as responsabilidades diferenciadas entrem no novo acordo, mas sejam medidas de modo gradual, de acordo com o grau de emissões passadas

e presentes de cada nação.

É improvável que o Brasil seja beneficiado por essa abordagem, porém. O esboço preliminar do acordo que deve seguir para Paris já fala em “todas as grandes economias adotarem compromissos ou metas de redução” de grande escala, incluindo países em desenvolvimento “em condição de fazê-lo”.

O Brasil, sétima economia do mundo e apontado por estudos como quarto maior emissor histórico (atrás de EUA, China e Rússia), dificilmente será visto como vítima. Com emissões em viés de alta em 2014, o Brasil tem ameaçada o protagonismo que teve em 2009, quando anunciou corte voluntário de CO₂.

“Agora temos posição de espectador”, diz Carlos Rittl, secretário-executivo do Observatório do Clima, fórum de ONGs. “Países com menos condições que as nossas estão se mexendo mais rápido e investindo naquilo que é solução para o clima.” (R6)

Fundo contra o aquecimento atinge US\$ 9,7 bi

DE SÃO PAULO

Um fator que também contribuiu para o clima de otimismo com que começa a COP 20 foram as últimas contribuições ao Fundo Verde do Clima, principal mecanismo de financiamento previsto para o acordo a ser firmado.

No fim de novembro, o valor arrecadado para bancar ações de adaptação e mitigação da mudança climática alcançou US\$ 9,7 bilhões, com contribuições de 22 países, quase batendo a meta de US\$ 10 bilhões sugerida pela convenção do clima da ONU.

Os maiores contribuintes foram EUA, Japão e Reino Unido. O dinheiro será usado em projetos para lidar com a mudança climática em países pobres. O mecanismo é essencial para destravar negociações na COP 20, pois apesar de as nações ricas serem as responsáveis históricas pelo aquecimento, o maior potencial de mitigação está nos países em desenvolvimento, que estão ampliando infraestrutura de energia e transporte.

DÍZIMO
A injeção de dinheiro na última hora renovou o otimismo com o fundo, que tinha menos de US\$ 1 bilhão em outubro. Apesar disso, os US\$ 9,7 bilhões arrecadados ainda são menos de um décimo do objetivo de US\$ 100 bilhões anuais projetados para 2020, uma das medidas sugeridas no acordo de Copenhague em 2009.

O esboço do relatório propõe a adoção dessa meta, e será preciso discutir ainda como o dinheiro sacado por países deverá ser usado e fiscalizado. (R6)